

RELATO

UM ENSAIO DE ORGANIZAÇÃO

A experiência de Boston

*Heloisa Maria Galvão **

O ano de 2006 pode entrar para a história dos Estados Unidos como o ano em que a direita conservadora conseguiu militarizar as fronteiras do país e derrubar o anteprojeto de lei que “legaliza” imigrantes indocumentados. Ou, como o ano em que políticos ditos progressistas aprovaram um programa de legalização que na prática divide imigrantes em categorias de acordo com o ano de imigração¹. Uma coisa é certa, porém, 2006 vai entrar para a história da imigração brasileira como o ano em que os brasileiros de Boston consolidaram sua posição de liderança no processo de organização comunitária dos brasileiros nos Estados Unidos.

Vários fatores colocam Boston na vanguarda deste movimento de afirmação da identidade brasileira migrante. Neste artigo, eu analiso alguns destes fatores, discuto a importância de haver um indício de organização comunitária em Boston e o que isto pode significar para o futuro do Brasil e das comunidades brasileiras migrantes dos Estados Unidos.



Foto cedida pela autora

FATORES QUE FAVORECEM A ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- Os Estados Unidos são o principal destino dos emigrantes brasileiros. Dos cerca de 2.5 milhões de brasileiros que se estima morando fora do Brasil, 42% vivem nos Estados Unidos. Boston é o segundo porto de destino, com 17%, logo após a Flórida, 22%. (Lima, Kukin e Blake, 2005:1)
- Boston reúne grande número de brasileiros com experiência de luta comunitária adquirida no Brasil e a geografia da região favorece o aparecimento de núcleos, pequenas e grandes

aglomerações de brasileiros, que tendem a se unir na luta por causas comuns, como benefícios para os imigrantes.

■ A criação e a atuação de agências comunitárias fundadas por brasileiros para defender os interesses e os direitos dos brasileiros. Duas delas, o Grupo Mulher Brasileira (GMB) e o Centro do Imigrante Brasileiro (BIC), existem há 11 anos e, portanto, fazem parte da história de luta da comunidade. O Centro do Imigrante especializa-se em direitos do trabalhador. Somente em 2005, a organização recuperou mais de meio milhão de dólares em salários não pagos por patrões inescrupulosos, na maioria das vezes, por falta de documento do trabalhador para trabalhar². O Grupo Mulher tem se firmado como uma entidade que dá voz aos brasileiros imigrantes, principalmente às mulheres. Foi o GMB que iniciou a tradição de promover reuniões comunitárias para discutir os problemas da comunidade. Nestes fóruns, a comunidade expressa suas dúvidas e preocupações e tenta achar soluções para seus próprios problemas.

■ As lideranças brasileiras da área de Boston conversam entre si, tomam decisões em comum e, sempre que possível, intervêm publicamente em nome do coletivo, defendendo as mesmas propostas. Por exemplo, há cerca de dez anos, as lideranças decidiram que era hora de ocupar postos-chaves disponíveis no mercado de trabalho, como intérpretes nos hospitais, professores de escolas de 1º e 2º graus com programas bilíngues, com brasileiros. Recentemente, e em decorrência do forte sentimento anti-imigrante predominante nos Estados Unidos, as lideranças decidiram que é chegada a hora dos brasileiros exercerem cidadania plena, votando e sendo votados. Os próximos passos seguem na direção de localizar brasileiros que votam nos Estados Unidos ou que se qualificam para se tornarem cidadãos; debater o voto com esses eleitores brasileiros; bem como identificar quem possa e queira concorrer a pleitos eletivos³.

■ Maior participação das igrejas e dos líderes religiosos nas lutas político-sociais dos brasileiros, aliada ao aumento da participação dos brasileiros, individualmente. A eleição de George W. Bush e os atentados terroristas de setembro de 2001, se por um lado fortaleceram a direita ultraconservadora, por outro forçaram uma tomada de posição mais firme das populações oprimidas, como os imigrantes, que, agressivamente, procuraram fazer alianças com outros grupos minoritários e com os políticos.

FATORES QUE DIFICULTAM A CONSCIENTIZAÇÃO COMUNITÁRIA

O trabalho de conscientização com vistas a uma organização político-comunitária é um trabalho difícil, de “formiguinha”, que não acontece do dia para a noite e, sem uma base forte, pode levar à frustração e ao desmantelamento completos. Da mesma forma que vários fatores facilitam o surgimento de um movimento de organização comunitária na área da Grande Boston; outras

tantas razões impedem a participação maciça dos brasileiros em movimentos de base.

■ *Medo*: Temerosos com o cenário anti-imigrante no país e o endurecimento das leis, principalmente, a partir de 2001, os brasileiros tendem a se “esconder”, a se isolar dentro da própria comunidade, não se informam nos canais competentes e são presa fácil de pessoas inescrupulosas e exploradoras.

■ *Dívida*: O endurecimento da política de concessão de vistos por parte dos Estados Unidos leva os brasileiros a procurarem rotas de imigração alternativas, a mais usada era a travessia da fronteira do México. Além dos perigos inerentes e dos riscos de cair na mão da imigração, ser preso e deportado, a travessia incorre em débito superior a \$7 mil.

■ *Trabalho*: Achar um trabalho e começar a juntar dinheiro para pagar a dívida é a meta principal após a chegada. Como o mercado de trabalho está mais fechado, a maioria dos brasileiros pega o que aparece e trabalha mais de 12 horas por dia, sete dias por semana. Não sobra tempo para lazer, muito menos para ativismo comunitário.

■ *Mobilidade*: Muitos brasileiros se dizem de passagem, estão sempre planejando a volta para o Brasil, o que os impede de investir na vida pessoal de cada um, na permanência, no bem-estar e no conforto da família e, obviamente, na comunidade onde vivem. A atitude de aparente descaso - “*eu não vou viver aqui, não tenho nada com isso*” - é uma forma de defesa pessoal contra a dura realidade que teima em ir adiando o retorno e, ao mesmo tempo, justificativa para a não participação comunitária.

■ *Alienação*: Todos estes fatores levam à alienação, um círculo vicioso que impede muitos brasileiros de se inserir na sociedade hospedeira, de subir na escala social, de procurar melhorar de vida, estudar, aprender inglês, lutar por seus direitos e exercer sua cidadania.

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO: VOLTAR AO BRASIL É ADIADA

Há indícios claros, no entanto, de que a atitude dos brasileiros em relação à volta para o Brasil mudou nos últimos anos e continua mudando. Muitos brasileiros conseguiram se documentar, mas mesmo aqueles que ainda não têm documento, se vieram há muito tempo, criaram raízes, adquiriram hábitos, mesmo sem perceber, acostumaram-se ao estilo de vida norte-americanos. Muitas famílias têm filhos nascidos nos Estados Unidos ou que estão crescendo nos Estados Unidos. Estas crianças assimilam com rapidez hábitos e valores culturais do país hospedeiro. Além disso, não é mais possível entrar-e-sair dos Estados Unidos como os brasileiros costumavam fazer - “imigração ioiô”. Tudo isso faz com que os planos de retorno ao Brasil sejam adiados por tempo indeterminado.

A mudança de perfil da comunidade brasileira reflete positivamente também na economia local. Por exemplo, em cada dez imigrantes que compram casa, três são brasileiros. Os brasileiros são proprietários de aproximadamente 400 negócios na Nova Inglaterra, a maioria restaurantes, supermercados, lanchonetes, padarias, cabeleireiros, butiques, oficinas de carro, entre outros. Paralelamente, existe todo um comércio informal, “sem porta”, que são as firmas de limpeza, de construção, de pintura e as companhias de ajardinamento. Os brasileiros aquecem a economia da região, gastando cerca de U\$132 milhões, anualmente; pagam impostos federais e estaduais da ordem de U\$36 milhões e geram mais de mil empregos. Comparados com outros grupos imigrantes e até com os nativos, do ponto de vista educacional e cultural, os brasileiros também levam vantagem. (Lima, Kukin e Blake, 2005, p.3; Galvão, 2005a, p.3).

TRABALHO DAS LIDERANÇAS GERA VISIBILIDADE: BOM OU RUIM?

Fausto da Rocha, diretor-executivo do BIC, acha que a comunidade está mais consciente, mais informada e mais participativa e que isso se deve ao trabalho das lideranças comunitárias e ao apoio das igrejas às lutas sociais. Ele cita números para reforçar sua opinião: “Em 2000, levamos 50 brasileiros para participar em Nova York de manifestação a favor dos imigrantes; em 2003 levamos 500 - com a ajuda da igreja católica que lotou cinco ônibus - e agora, em 2006, colocamos dois mil brasileiros na rua” (manifestações em Boston). Fausto, porém, tem dúvidas “até que ponto sair da invisibilidade é bom?” Ao mesmo tempo em que a comunidade está ganhando espaço e aparecendo, também está chamando atenção. “Somente em maio nós tivemos 80 brasileiros da área de Boston deportados. Em apenas dois dias de junho, quatro brasileiros foram presos. Nós estamos pagando o preço (de uma visibilidade maior). Estamos sendo mais perseguidos (pela imigração) e mais atacados pelos grupos anti-imigrantes”

O fato de que o governo brasileiro tem se aproximado dos brasileiros imigrantes, é um ponto positivo, diz Fausto. Cinco deputados federais e um senador compareceram oficialmente ao primeiro encontro de lideranças comunitárias de Boston, realizado em outubro de 2005. Meses antes, três ministros de estado visitaram Boston e se reuniram com líderes comunitários, ouvindo reivindicações e anseios⁴.

O organizador comunitário Marcony Almeida, que há oito anos veio de Alagoas, acha que “é importante dar cara aos brasileiros, precisamos criar uma identidade”. Aos 29

anos e após cinco de trabalho comunitário no BIC, ele foi contratado pelo MIRA - Massachusetts Immigrant and Refugee Coalition - uma organização que policia as leis que tratam dos direitos dos imigrantes. O caminho percorrido por Marcony não é o mais comum para a maioria dos brasileiros que muitas vezes demoram para subir na escala social, não por falta de capacidade, mas de papel. Prova, no entanto, que a decisão das lideranças de ocupar o mercado de trabalho foi acertada. Ele ajudou a organizar as manifestações e passeatas pró-reforma de imigração realizadas em Boston nos últimos dois meses e fez questão de colocar representação brasileira nos palanques.

“Os hispanos são mais organizados, mas eles não podem voltar (para seus países de origem). A situação econômica e política deles é bem diferente, eles vêm com TPS (documento que lhes dá permanência temporária nos Estados Unidos), se estabelecem e se organizam porque vão ficar. O brasileiro ainda é muito instável, a partir do momento em que a maioria se estabelecer, vai começar a acordar e a participar”. Os brasileiros, pondera, “ainda estão no estágio de acharem que se pesa para o meu lado, eu me movo; se tenho documento não preciso (participar)”.

“O perigo é sentar em frente da Globo e ficar contente. A maior parte das pessoas ainda tem interesses pessoais, está aqui de passagem, isso é um entrave”, opina o jesuíta gaúcho Carlos Viana, há seis anos em Boston. Carlos conclui estudos de pós-graduação na escola dos jesuítas e está bem engajado na luta comunitária através da igreja de Santo Antônio, de Allston, um bairro de Boston. “É difícil identificar as forças que nos tiram do Brasil - entre elas a globalização, desumanizante e desumanizadora. A luta deveria ser unificada para cada indivíduo sentir-se parte da construção deste país. Se a comunidade conseguir fazer isso, estará realmente criando laços entre Brasil e Estados Unidos”, reflete.

“Em Boston, nós temos a felicidade de ter pessoas que têm formação formal no Brasil e educação política. Estas pessoas ajudam quem não tem”. O jesuíta acha que o trabalho do BIC e do GMB “mostram que trabalho voluntário tem limites, voluntários não dão conta, as pessoas não conseguem fazer tudo. Precisamos de projetos para dar estabilidade à comunidade. O BIC precisa dar um passo maior, ter uma sede própria. O GMB não pode mais depender do trabalho voluntário. O Grupo conseguiu nestes anos se estabelecer como um nome porta-voz da comunidade nas lutas comunitárias, mas a demanda que está surgindo vai exigir mais do Grupo. Nós perdemos nomes importantíssimos”, diz ele, lembrando líderes comunitários que voltaram para o Brasil, pois “isso quebra



Foto cedida pela autora

a comunidade”. Carlos vê a comunidade em termos prospectivos e lista elementos que considera importantes para o processo de organização dos brasileiros em Boston se sedimentar. “Primeiro, a identidade brasileira em termos de nordeste dos Estados Unidos. Qual a contribuição da comunidade em termos de Estados Unidos? Se queremos ser uma comunidade que faz diferença neste país, qual é a nossa contribuição? O que é comunidade imigrante? Precisamos olhar a história e entender o termo comunidade. Como se formaram os grupos étnicos aqui nos Estados Unidos? Quais as diferenças e as semelhanças entre eles? Temos de pensar em termos de pessoas reunidas e de ação política em conjunto. Quais são os passos para isso?”

Outra questão que ele coloca é acerca do futuro dos “nossos filhos e netos. Estamos vivendo uma identidade híbrida, temos de trazer estas pessoas – os jovens - para o centro de discussão. No fundo são os jovens que vão discutir o presente e o futuro, participar dos problemas e das soluções.”

REFLEXÕES FINAIS

O fato de que há brasileiros em Boston questionando o futuro da comunidade, preocupados em passar uma imagem de união e coesão, “costurando” conversas políticas, não só entre as lideranças brasileiras, mas com autoridades e políticos norte-americanos, mostra que o nível de amadurecimento desta comunidade é diferente e mais evoluído do que o de outras comunidades brasileiras nos Estados Unidos.

O fato de que líderes comunitários brasileiros de Boston estão sendo convidados a discutirem a experiência de organização comunitária que vivem com outras comunidades e até em centros acadêmicos norte-americanos, é prova de que o trabalho desesenvolvido é reconhecido e levado a sério dentro e fora da comunidade. A experiência de Boston está servindo de exemplo para outros grupos brasileiros estabelecidos nos Estados Unidos.

Os brasileiros de Boston estão cientes do papel de

liderança da sua comunidade e não abrem mão do espaço ocupado. Uma das conclusões do primeiro encontro de lideranças comunitárias de Boston, em outubro passado, foi a redação da "Carta de Boston", documento que cobra um posicionamento mais humano e comprometido por parte do governo do Brasil em relação aos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Alguns líderes defendem um posicionamento mais agressivo do governo brasileiro, a exemplo do governo do México, cujos consulados têm sistematicamente ampliado sua atuação em defesa dos direitos dos seus cidadãos morando nos Estados Unidos. O Brasil havia dado um passo largo neste sentido, há cerca de oito anos, quando determinou que os consulados em regiões de grande fluxo de imigração brasileira, como é o caso de Boston, dessem mais atenção às necessidades desta população. Nesta mesma época foram criados os conselhos de cidadãos, colegiados formados por brasileiros imigrantes e de apoio ao cônsul do Brasil. Em Boston, a iniciativa foi bem sucedida até dois anos atrás quando a administração consular agilizou a emissão de documentos, mas cortou os laços comunitários.

Outra conclusão importante do Encontro de Lideranças foi a de realizar um encontro nacional de todas as comunidades brasileiras nos Estados Unidos em 2007 para traçar uma plataforma única de reivindicações e, ao mesmo tempo, falar com uma única voz. Os líderes acham que unidos nacionalmente em torno dos mesmos ideais de luta terão mais força política.

Prova de que a experiência de Boston tem chamado a atenção de outros núcleos de brasileiros e até dos meios acadêmicos, é que, tanto o diretor do BIC como a presidente do GMB, têm sido convidados para falar sobre a tentativa de organização comunitária em várias ocasiões.

Os próximos meses serão decisivos para a comunidade brasileira da área de Boston: a reforma de imigração deve ser aprovada a qualquer momento e, certamente, vai influenciar os rumos da política nos Estados Unidos e no segundo semestre, tanto Brasil como Estados Unidos, têm eleições majoritárias. As lideranças de Boston não abrem mão de desempenhar papel importante em ambos os pleitos. Embora o número de brasileiros alistados para votar no consulado de Boston seja mínimo – cerca de 3 mil nas últimas eleições presidenciais –, as lideranças pretendem pedir que os brasileiros influenciem o voto dos familiares e amigos que votam no Brasil. Eles querem ter certeza de que os políticos eleitos em todos os níveis sejam simpáticos à causa do imigrante, vejam a questão como um direito humano e estejam dispostos a defender os direitos dos seus eleitores junto ao governo federal.

Em nível de Estados Unidos, a idéia é fazer campanha para políticos que apóiam a causa imigrante, que votam a favor de direitos dos imigrantes e que sejam porta-vozes das necessidades e da contribuição desta população para as comunidades onde se inserem. De acordo com a imigração norte-americana, 15 mil brasileiros encontram-se naturalizados e podem votar em Massachusetts. As lideranças estão apostando que em curto espaço de tempo mais brasileiros irão adquirir cidadania norte-americana e, portanto, tornar-se-ão aptos a votar.

*** Heloisa Maria Galvão é jornalista, mestrado em Comunicação e Televisão pela Universidade de Boston e ativista comunitária - co-fundadora e presidente do Grupo Mulher Brasileira.**

NOTAS

1. O ante-projeto de imigração em tramitação no Congresso norte-americano vai ser examinado por uma comissão judiciária, provavelmente antes do final do mês de junho. Não há previsão sobre o texto final, uma vez que a redação aprovada pela Câmara dos Deputados difere, fundamentalmente, da versão aprovada pelos senadores. A maior diferença reside no fato de que o anteprojeto dos deputados criminaliza os imigrantes indocumentados e as pessoas que ajudam aos imigrantes indocumentados. Hoje, estar indocumentado nos Estados Unidos não é crime e é enquadrado no Código Civil. Muitos ativistas comunitários que lutam pelos direitos dos imigrantes chegam a denunciar os dois anteprojeto como piores do que a legislação hoje em vigor.
2. Em Massachusetts, o procurador geral do estado garante que trabalhador que trabalha ganha as horas trabalhadas, tendo ou não documento. Em outros estados do país isto não acontece. Patrões desonestos que contratam imigrantes, mesmo sabendo que podem ser indocumentados, e depois os dispensam por falta de documento, acabam sendo penalizados duas vezes: pagam multa e os salários devidos.
3. Os líderes comunitários também acham importantíssimo que os brasileiros tenham participação política no Brasil.
4. Senador Valdir Raupp; Deputados Takayama (PMDB/PR), João Magno (PT/MG), Geraldo Tadeu, Neucimar Fraga (PL/ES) e Dr. Heleno (PSC/RJ) e os ministros Jaques Wagner (à época Secretário das Relações Internacionais), Gilberto Gil (da Cultura) e Luiz Dulci (Secretário Geral da Presidência da República).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GALVÃO, Heloisa Maria
(2005a) "The Brazilian Community of New England: An Economic Profile". *Executive Summary*. Especially prepared for the 9th Brazilian Independence Day Festival. Boston, maio.
- GALVÃO, Heloisa Maria
(2005b) *As Viajantes do Século Vinte: Uma história oral de mulheres brasileiras imigrantes na área de Boston*. H. P. Comunicações, Rio.
- LIMA, Alvaro; KUKIN, Martina e BLAKE, Nanette D.
(2005) *Imagine All the People: Brazilian Immigrants in Boston*. Boston Redevelopment Authority's Research Division for the Office of New Bostonians. Boston, outubro.
- THE MASSACHUSETTS INSTITUTE FOR A NEW COMMONWEALTH
(2005) *The Changing Face of Massachusetts*. MassINC. Boston, junho.